



Apresentação

A Dinâmica entre Universal e Particular

*Thais Alves Marinho*¹

¹ Professora de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutora em Sociologia pela UnB, pós-Doutora em Ciências Sociais pela Unisinos. Assessora de Articulação e Movimentos sociais do Instituto Dom Fernando da PUC Goiás. Pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB)

A necessidade humana por classificação é ontológica, como já postulava Aristóteles. Nessa gnosiologia a mente opera em função de elementos oponentes ou contrastantes, estabelecendo dualidades, comparações e dicotomias. Como reflexo dessa ontologia, todo conhecimento humano é explicado em termos de dualismos como a pioneira proposta de Platão sobre a impossibilidade de assimilação da “alma” pelo “corpo”, depois reiterada por Descartes numa explicação moderna a partir da relação entre *res cogitans* e *res extensa*. Assim, temos dualidades entre corpo e alma, matéria e forma, existência e essência, necessidade e liberdade. O par universal e particular é uma dessas célebres dualidades que compõem a cosmogonia moderna, fundada a partir do projeto iluminista. Nessa concepção a razão estaria para a universalidade

assim como a cultura estaria para a particularidade.

Na proposta de tal organização social, a satisfação da dignidade humana se daria com a descentralização da ideia de providência divina em prol da afirmação excessiva da autonomia da razão frente a outros domínios de saber como cultura e tradição. A objetividade da Ciência colonizaria todas as esferas culturais, suprimiria a heterogeneidade das hierarquias e da honra, do período anterior. Num ambiente como esse, seria possível a prática da tese da racionalidade universal, de que todos os seres humanos têm a capacidade de usar sua razão e alcançar autonomia e emancipação. Por isso, não existiria diferença quantitativa ou qualitativa entre homens, mulheres, brancos, negros, índios, judeus, cristãos, mulçumanos, budistas, entre outros. Logo to-



² Os movimentos sociais adquirem visibilidade (enquanto fenômenos históricos concretos na sociedade), a partir do desenvolvimento de teorias sobre o social e ações coletivas e do deslocamento de interesse do “Estado” para a “sociedade civil”. Há o predomínio de teorias neo-marxistas com Castells (1972) e Hobsbawn e o surgimento das Novas Manifestações Sociais, Tourraine (1975) trabalha com o acionalismo dos atores, Melucci (1984) trabalha com a noção de movimentos sociais, e novos movimentos sociais, identidade coletiva), Offe (1988) e Cohen (1985). Os novos movimentos sociais são apresentados por alguns autores como Gohn (1997), Della Porta e Diani (1997) como resultantes de crítica da abordagem clássica marxista. A teoria neo-marxista teria se desen-

dos devem ser tratados como iguais, livres e dignos.

No entanto, a existência de pluralidade de valores e grupos na atualidade demonstra que as diversas culturas e grupos de pessoas imbuídos de conjuntos individualizados de hábitos, atitudes, representações coletivas, maneiras de sentir e de fazer específicos, em determinados momentos², desenvolvem práticas e/ou políticas em várias frentes que visam garantir e preservar suas particularidades, em nome da comunidade, classe, sexo, etnia, amparando-se nas culturas, na tradição, engendrando uma sociedade multicultural. Esse momento histórico pode ser interpretado como uma reação ao desencanto na cultura implícito nas exigências críticas da Razão e ao modo como se desenvolveram historicamente esses ideais da modernidade

O objetivo do Dossiê Universal e Particular é justamente discutir essa reorganização da estrutura de temporalidade, voltada para a memória, para o passado, para o retorno às identidades, para a diferença. Tal momento expressa a necessidade de se pensar o papel da cultura enquanto elemento e perspectiva de se organizar o poder e o saber nos atuais contextos sócio-históricos plurais submetidos às radicais transformações dos processos técnico-informacionais, e nas possíveis consequências e

desdobramentos da centralidade que essa categoria vem adquirindo na sociedade contemporânea.

Tal realidade demonstra que a gnosiologia moderna fundada em dualismos e onde as relações entre os pares são vistas como mecânicas, portanto, passíveis de explicação, pode não ser suficiente pra explicar a complexidade e a diversidade das relações humanas. Isso porque as particularidades não podem ser vistas e nem estudadas sem a compreensão e a aceitação do todo onde figuram, tampouco, pode-se explicar de maneira linear as relações e as inter-relações deste todo e de suas partes e vice-versa. Essa complexa realidade é descrita por Morin³ como uma “ordem dentro da desordem” ou ainda a “certeza da incerteza”. Essa nova gnosiologia, apontada por muitos como pós-moderna ou pós-positivista, entre outras denominações possíveis, admite que a mente humana não consiga conceber a natureza humana e suas relações com exatidão estrutural, já que não são fixas, são imprevisíveis e auto-organizáveis, são partes de sistemas autopoieticos, como já argumentara Maturana⁴.

Assim, na esteira de Morin, quando propomos analisar as relações entre Universal e Particular, fazemos a partir da constatação da existência da complexidade, em contraponto ao convencionalismo



volvido paralelamente, no entanto, alguns autores como Offe e Castells, transitam entre esses dois modelos, tornando ínfimos os limites entre eles. As categorias básicas da vertente dos novos movimentos sociais são: ator/agência, cultura, ideologia, lutas sociais cotidianas, solidariedade e processo de identidade (coletiva e criada por grupos). A política tem centralidade enquanto dimensão da vida social tomada nas suas relações microsociais e nas suas relações com a cultura, aparecendo novas formas de fazer política e politização de novos temas. Esse momento histórico é datado de diferentes formas, em contextos diversos, para variados grupos sociais, por exemplo, no Brasil, ocorre a partir da redemocratização, para remanescentes de quilombos a partir do advento do artigo 68 da Consti-

científico. Essa metodologia nos permite discutir a dinâmica de convergência de valores entre o até então par antagônico, universal e particular, que envolve jogos de poder em diversas instâncias, como apresentam os artigos que compõem esse dossiê. A prerrogativa é de que num contexto de globalidade a diversidade, a diferença, os localismos, as culturas, as identidades são tomadas enquanto ideais/valores universais a serem preservados, e em alguns casos patrimonializados, como expressam os discursos da diversidade, do pluralismo, do multiculturalismo, das políticas da diferença e de reconhecimento. Embora tal dinâmica subverta os preceitos fundamentais básicos do projeto da modernidade iluminista, já que são adotados valores antagônicos (particulares) aos pressupostos universalistas embrionários da Razão, ela não marca o fim dos universais, seja pelo corolário da busca de liberdade e igualdade como princípios e direitos universais da dignidade humana, seja pela irredutibilidade do mercado e da tecnologia, seja pelo apelo ecológico.

Michel Nicolau Netto, no artigo “O uso da cultura no Romantismo alemão”, que abre esse dossiê, afirma com perspicácia que essa nova era que determina a diferença como valor universal, no entanto, não apresenta tantas novidades assim. Afirma ele

categoricamente que tal “virada cultural” seria uma reedição, uma variedade do pensamento alemão romântico. Reproduzimos com uma nova roupagem (trocamos o Volkgeist pelo Kulturgeist) a luta contra o universalismo iluminista, empreendida pelos românticos alemães como Fichte, Herder, Schelling, entre outros. Esses buscavam se proteger do cosmopolitismo francês assumindo que a particularidade contida no Volk não só garantiria a especificidade (superioridade, no caso de Fichte) alemã frente aos demais países da Europa como garantiria a articulação entre os diversos grupos alemães, a partir da ideia de nação. A fórmula inaugurada é aquela de uma nação = uma cultura = uma língua. A nação afirmada como diferença, em relação ao universal e às outras nações, é o que garantia a esses intelectuais românticos participação na sociedade, assim, como os grupos que usam a diferença na atualidade utilizam esse atributo como critério para reivindicar o reconhecimento, ou seja, o direito de participação social, política e econômica.

Essa mesma estratégia romântica parece ser recrutada pelos estilistas brasileiros e por outras categorias, como pelo futebol ou por empresas de cosméticos, que buscam ter uma participação expressiva no mercado internacional baseada em sua particularidade nacional, como aponta de forma original Sale-



tuição Federal Brasileira, em 1988, enfatizados em 2002, com a entrada do governo Lula, enquanto que na Europa e Estados Unidos, ocorre a partir da década de 60.

³ MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tio de Janeiro: Bertrand, 2000.

⁴ MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1977.

te Nery no artigo intitulado “Por entre retalhos de panos, gotas de perfume, agenda escolar e jogos de bola: notas sobre o Nacional-Global”. A ideia apresentada pela autora é de que ao construir uma ideia universal de brasilidade, tanto na moda quanto no futebol, e na indústria dos cosméticos, a estratégia utilizada é a da síntese das expressões culturais e simbólicas regionais do país, afirmando que tanto a universalidade quanto a particularidade fazem parte de uma mesma moeda no caso do Brasil. O fato é que se a diversidade cultural tem se tornado um valor, especialmente para o mercado, o mosaico que ela representa invisibiliza as relações hierarquizadas entre suas partes, o que marca a dinâmica de articulação do diverso ao uno.

Em outras situações a necessidade de universalidade transforma o particular como fundamento do próprio universal nas sociedades ditas democráticas e modernas. Como avalia sagazmente Tiago Leite no artigo intitulado “A vida nua e o vida loka: reflexões a partir do pensamento de Giorgio Agamben”. O argumento levantado por Leite é de que é possível fazer uma associação entre o conceito de “vida nua” de Agamben e a experiência comum de jovens moradores da periferia urbana do Brasil, sintetizada por eles pelo nome de vida loka. Essa forma particular de existência expressa por esse recurso linguístico é

marcada pela incerteza, pelo sofrimento moral e pela violência policial. Assim, como a vida nua de Agamben sustenta a ordem no Estado de Exceção que tenta se universalizar por meio do poder disciplinar, por meio do corpo e pela biopolítica na sociedade ocidental moderna, a vida loka, sustenta o ambiente marcado pela violência e pela arbitrariedade da população, da polícia e dos políticos, no atual Estado brasileiro. A ideia é que a força universalizante do Estado apenas se torna possível se este impuser limites de atuação aos particulares, classificados como vida nua. Logo, o estabelecimento da ordem universal se torna paradoxalmente dependente do espaço político exercido pelos particulares, pelos excluídos/incluídos, pelos banidos, já que sua existência torna a lei uma dádiva.

Enquanto as particularidades da vida loka, caracterizadas como vidas indignas, por fugirem ao poder massificador e totalizante da biopolítica, se tornam a sustentação do próprio Estado de Exceção universal, que busca combater esse estilo de vida particular. Em outras situações do mundo globalizado e mundializado da atualidade, as questões locais e particulares são privilegiadas, uma vez que mobilizam cultura, economia e política, sem, no entanto, abolir as hierarquias postas pelo universal, como na chamada “moda étnica”. Como bem salienta Miqueli



THAIS ALVES MARINHO

Micheti no artigo “Modas do mundo e moda mundial: sobre a partilha desigual de tarefas simbólicas entre Norte Global e Sul Global no mercado mundial de ‘moda ética’”, o embate relacional entre o par universal e particular no setor de moda reitera as hierarquias simbólicas. Embora a diversidade e a particularidade tenham sido tomadas como valores universais, a associação entre global e universal reitera a autoridade e arbitrariedade do universal.